

# A DISSOLUÇÃO DAS UNIVERSIDADES

RONALD G. MUSTO<sup>1</sup>

Assim como ninguém havia previsto a dissolução dos mosteiros em 1535, também ninguém previu a dissolução das universidades em 2035.

O ano 2035 marcará os 500 anos da Lei inglesa da Supressão das Casas Religiosas, elaborada por Thomas Cromwell para o rei Henrique VIII. Enquanto Cromwell e sua equipe haviam implementado reformas menores e fechado mosteiros isolados por notórios abusos éticos e financeiros a lei de 1535 marcou uma ruptura repentina e em grande parte inesperada com o passado. Thomas More, Erasmo e outros humanistas haviam ridicularizado os abusos do monaquismo, superstições católicas e idolatrias - relíquias, peregrinações, indulgências, milagres e assim por diante - mas eles nunca colocaram seriamente em causa a força a longo prazo e a importância primordial dos mosteiros.

11

Desde que São Bento fundou Monte Cassino (por volta do ano 530), o monaquismo tornou-se o principal foco da vida ocidental. Os mosteiros da Europa preservaram as tradições sagradas e seculares da Antiguidade. As suas comunidades colegiais autônomas funcionaram tanto como luzes em um mundo que escurecia como contraponto à sua violência, ganância e ignorância. Desta forma, os leigos da cristandade - desde reis e rainhas até os senhores locais, comerciantes e agricultores -, portanto, dotaram os mosteiros com status, doações (financeiras

---

<sup>1</sup> O ensaio que se segue, escrito por Ronald G. Musto, forma a base de uma investigação abrangente dos desafios que se apresentam à educação superior nos Estados Unidos. Seu livro chama-se *The Dissolution of the Universities: Challenges to the Survival of American Higher Education*, e encontra-se em preparação para 2019, quando será publicado pela Cambridge University Press. Direitos autorais de Ronald G. Musto.

Dr. Musto é o antigo Co-Diretor Executivo da The Medieval Academy of America e Editor da *Speculum*. Junto a Eileen Gardiner, ele é o autor do livro *The Digital Humanities: A Primer for Scholars and Students*. New York: Cambridge University Press, 2015.

e materiais) e com a educação e carreiras de seus filhos. Monges e freiras, embora afastados do mundo por diversos códigos rigorosos, ainda atuavam como a vanguarda intelectual e ética da civilização, fornecendo conhecimentos que se estendiam para além de suas paredes cobertas de hera. O alcance de sua produção cultural ia desde a oração e meditação, até às artes liberais, produção de livros, arte, música e arquitetura, mas também até às novidades tecnológicas, cuidados de saúde e higiene. Eles forneciam elos vivos para tradições passadas e um constante fornecimento de inovações que enriqueceram a sociedade. Por um milênio, a vida civilizada sem os mosteiros era impensável.

No entanto, na década de 1350, o *Decameron* de Boccaccio já refletia uma opinião comum na Itália: monges, frades e freiras eram frequentemente gananciosos, ímpios, concupiscentes, corruptos e predadores. A vida monástica - embora oficialmente intocável - às vezes era uma zombaria dos valores cristãos. Os humanistas que vieram depois de Petrarca e Boccaccio desenvolveram um discurso de uma nova vida cristã, enfatizando a ética baseada em modelos antigos, limpa de acréscimos medievais. Na década de 1530, Erasmo, More e Lutero tinham estabelecido uma crítica coerente ao monaquismo como uma vida com pouco ou nenhum benefício direto para a sociedade. Em 1992, o livro *Stripping of the Altar*, de Eamon Duffy, ofereceu bastas evidências que, na década de 1530, a verdadeira vida espiritual para o clero e leigos da Inglaterra havia migrado para as paróquias locais.

Em 1534, Cromwell começou suas visitas às abadias e conventos. Ele foi acompanhado por seus comissários - burocratas com educação universitária - para descobrir e denunciar abusos (e avaliar bens para uma coroa faminta por receitas devido às suas guerras, espetáculos e projetos de construção). Alguns dos abusos relatados e registrados quase certamente foram exagerados. Mas parecia haver de fato um sólido fundamento: tudo, desde casos sexuais e acusações de abuso infantil, até nepotismo e grosseiras irregularidades financeiras, desperdiçando os recursos da nação, teorias e ensino maus, estilos de vida extravagantes,

ausências prolongadas de instituições de origem. Em 1535, o Parlamento, portanto, decretou a Lei de Supressão de Casas Religiosas de Cromwell. Os homens do rei começaram a trabalhar em 1536 com instituições menores e, em 1538, passaram para as maiores e mais ricas, completando a maciça dissolução dos mosteiros. Poucas casas tinham o poder ou vontade de organizar protestos. Ainda não está claro se Cromwell e Henrique VIII tinham um plano não escrito e gradual para a dissolução total ou se reagiram aos eventos com medidas cada vez mais radicais. Eventualmente, todas as pessoas, dos mais grandiosos nobres, até grandes comerciantes, à mais baixa nobreza e aos agricultores tiveram uma parcela na privatização de bens monásticos. As paróquias geralmente levavam muitos dos bens religiosos e eventualmente continuaram a usar parte dos edifícios monásticos para os serviços religiosos. Os monges e as freiras a quem ordenaram que abandonassem as suas casas e a quem ofereceram compensações - pensões ou relocação nas instituições sobreviventes, aceitaram quase que universalmente. Houve exceções. Alguns resistiram por princípio religioso, alguns por conveniências mais práticas, alguns com alegações de privilégios passados e negação contínua do que estava acontecendo. Muitos fugiram voluntariamente da restrição de claustro, da constrição sexual e do confisco forçado. Embora seus protestos muitas vezes afirmassem que a vida monástica os tinha preparado para pouca coisa fora de seus claustros, a maioria dos antigos monges mudou de atividade, e a maioria das freiras logo se acomodou em seu círculo social entre a baixa nobreza e a nobreza. Alguns outros desempenharam ocupações mais humildes, para as quais o seu menor estatuto os tinha preparado. Alguns, alfabetizados e mais educados, ocuparam profissões seculares lucrativas. Alguns morreram na miséria e na pobreza. Estudos recentes têm conseguido acompanhar o progresso de muitos desses indivíduos e revisar o relato oficial. Todos os bens monásticos - desde dinheiro, bibliotecas, mobiliário e tesouros litúrgicos, a terras e plantas de construções - foram dissolvidos numa sociedade no caminho da secularização. Já na década de 1540,

um milênio do monaquismo britânico estava morto, e a narrativa dos vencedores tornou-se a oficial.

Hoje, lentamente no início e em casos isolados, mas cada vez mais nos níveis local, estadual e nacional, as universidades estão sendo submetidas à mesma narrativa. Está sendo escrita pelos mesmos políticos ambiciosos, sem escrúpulos ou escudados pela legalidade, auxiliados e encorajados pelos mesmos facilitadores gananciosos. “As universidades são instituições inúteis que estão muito aquém de cumprir seu papel social, que é educar nossos filhos para empregos úteis.” “As universidades são ralos para o estado: elas usam recursos demais para enriquecer alguns professores e administradores irrelevantes “. “As universidades promovem os padrões sexuais, de discursos políticos e raciais, e comportamentais da sociedade, corrompendo a juventude e enganando pais e doadores. ” “As universidades estão fora de moda, substituídas por entidades com fins lucrativos, acreditação on line e programas de treinamento de empresas”.

14

A salvação recente de Sweet Briar é uma heroica história de resistência, mas a sua quase extinção está se tornando parte de uma narrativa com poucas surpresas para a maioria dos acadêmicos. O ataque de Scott Walker à estabilidade, o de Marco Rubio ao curriculum, finanças e diplomas, e os ataques da Virginia, Carolina do Norte e Texas à administração, discurso e pesquisa são apenas as mais recentes jogadas em um movimento crescente em todo o país, que visa desestabilizar e deslegitimar a universidade no modo de vida americano. O crescimento da desigualdade na contratação, na estabilidade e nas promoções, o enriquecimento de um pequeno grupo de administradores e professores titulares ao custo da grande maioria dos professores contingentes que nunca terão cargos estáveis e pesquisadores-júnior, captam a atenção, simpatia e apoio dos trabalhadores da cultura em toda a sociedade. A divisão corporativa interna, monetarização e regulamentação obrigatória marginalizam as faculdades de artes e humanidades de modo crescente. Cursos, programas, currículos e departamentos encolhem ou

desaparecem para dar lugar a uma instrução mais voltada ao mercado. Acadêmicos mais jovens - que acreditavam que não tinham para onde ir fora dos muros da universidade - partem em massa, ou com doutoramentos recém concluídos ou sem cumprir os últimos requisitos. Eles enriquecem corporações, fundações e o governo com seu conhecimento e habilidades. Poucos na sociedade em geral notam ou se preocupam com a situação das universidades ou se perguntam sobre a condição da educação superior para além de seus custos e efeitos sobre as perspectivas de trabalho de seus filhos.

Isto é, até que aquelas poucas tentativas de fechamento e privatizações, aqueles casos isolados de retirar das instituições cargos estáveis e outras seguranças, aquelas restrições de discurso e eliminação de programas e faculdades comecem a se fundir consistentemente com as agendas sociais e políticas, primeiro de alguns poucos candidatos inescrupulosos a cargos públicos, depois de um grande partido político e depois da própria política nacional. Quando isso acontecer, a universidade terá existido por cerca de um milênio - assim como os mosteiros antes da sua dissolução - e o que antes tinha sido visto como um tesouro nacional indispensável, encarnando nossa vida intelectual e cultural, vai ser deixado desaparecer, quase do dia para noite, sem muitos protestos organizados. Assim como algumas grandes abadias conseguiram sobreviver, também algumas poucas grandes universidades permaneceriam. Tudo o que ainda fosse útil do profundo conhecimento das universidades centenárias seria dissociado dos *campi* e transmitido amplamente através de TV, CDs, podcasts, cursos online abertos e do restante da internet. A maior parte do ensino passaria para escolas secundárias superiores, onde um novo diploma profissionalizante levaria cinco anos, financiado por estados que desmantelam seus sistemas universitários. A pesquisa em humanidades, agora irrelevante para a sociedade, seria deixada para institutos avançados ou para aqueles com meios próprios. A pesquisa mais importante - em ciência e tecnologia - seria transferida por atacado para grandes empresas

ou para o governo. Grupos corporativos, barões dos imóveis, oligarcas bilionários e prefeituras aproveitariam campi valiosos, porém vazios, transformando-os em campos de golfe, parques temáticos, resorts privados, propriedades, condomínios de luxo ou ruínas românticas que encantariam poetas e festas de casamento no século vinte e dois.

O 500º aniversário da dissolução dos mosteiros ainda está a vinte anos de distância. E como a história nos ensina, vinte anos é, de fato, um longo tempo.

Ronald G. Musto. 2 de novembro, 2015.

Traduzido do inglês, com autorização do autor, por

ARTUR COSTRINO

Professor Doutor de Estudos Clássicos

Universidade Federal de Ouro Preto